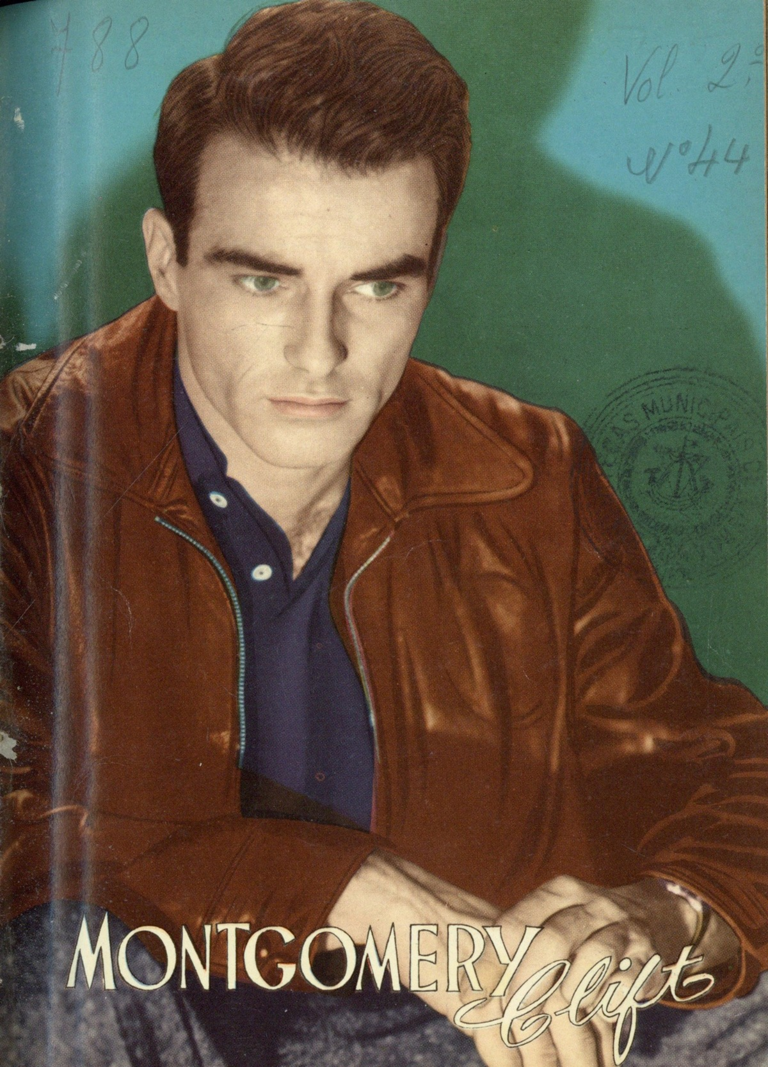

MONTGOMERY Clift

ÁLBUM DOS ARTISTAS
(2.º Volume — Fasc. 44)
Edição de Aguiar & Dias, L.da —  Distribuidores e depositários: Agência Portuguesa de Revistas — Rua Saraiva de Carvalho, 207 — Telefones: 668639/668684 — LISBOA (Portugal). Composto e impresso nas Oficinas Gráficas Bertrand (Irmãos), L.da - Trav. da Condessa do Rio, 7 - Lisboa.

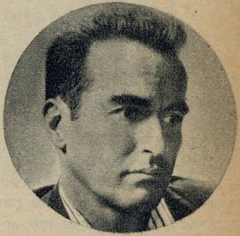


# MONTGOMERY CLIFT





## — um artista a quem o talento matou a capacidade de amar?









OMAHA, uma pequena cidade no Estado Nebraska, nos Estados Unidos da América, acolhe com alvoroço a notícia de que a esposa do conceituado comerciante Williams Brooks Clift deu à luz um casal de gémeos — um menino e uma menina. Ele recebe o nome de Montgomery Cluft. Ela o de Ethel Mc. Ginnis. O calendário marca a data de 17 de Outubro de 1920.

Oito meses depois desse duplo nascimento, a família Clift abandona Omaha para ir residir em Chicago. Mas a sua permanência nesta cidade não os deixa ainda satisfeitos e acabam por se estabelecer definitivamente em Nova Iorque.

Para o pequeno Montgomery os anos passam sem problemas, sem perturbações, sem incidentes. Em 1934, já com um ano de liceu e a cabeça cheia de sonhos, ele vai conhecer, pela primeira vez, a liberdade de umas férias passadas em Sarasota, na Flórida.

Aí, trava conhecimento com um grupo de rapazes que amam o teatro e querem levar à cena uma peça — «Quando os maridos saem» — para demonstrarem aos pais que sabem fazer mais alguma coisa do que estudar.

Montgomery, apesar dos seus 14 anos, é surpreendido com um convite para experimentar as suas qualidades, e a princípio fica sem saber se deve aceitar ou não.

— Não sei se tenho jeito para subir a um palco... Assim de repente parece-me interessante ir transformar-me em alguém que não sei quem é, mas...

— Não custa nada, Monty — insiste o amigo, um rapaz de vinte anos, vestido desportivamente com uma camisola branca e umas calças azuis, de flanela.

Dias depois, após pesar os «prós» e os «contras» da resolução, Monty comparece finalmente aos ensaios e começa a aprender com paciência o seu papel. Aceita todos os conselhos do director de cena, mas não sabe verdadeiramente porque se sujeita a semelhante trabalho. Muitas vezes interroga-se: «Porque me meti nestes lençóis? Na minha família nunca houve uma tradição de teatro... Talvez eu queira simplesmente chamar a atenção dos outros... Talvez eu goste de me divertir com estes «snobs» que falam de teatro como se fossem génios...».

Certa tarde, durante os ensaios de uma cena dramática, uma jovem de 16 anos, a primeira actriz, chamada Else, fica agastada com o director. Monty ouve-a gritar, entre ferida e humilhada:

— O meu talento e a minha formação artística chegam e sobram para não precisar de rectificações. Não ensaio mais, seja o que for!

E, juntando o gesto à palavra, desce à plateia do teatro, procurando mostrar-se forte e decidida. Mas a sua sensibilidade, fina como porcelana, não obedece ao cérebro. As lágrimas correm-lhe dos olhos e acaba por se sentar numa cadeira, chorando convulsivamente.

No palco, o ensaio continua como se nada tivesse sucedido. O director parece já esquecido dos gritos histéricos da loura Else e prossegue o seu trabalho, alegre e descontraído. Apenas Monty, excelente observador, tem os olhos fixos no pequeno vulto, ao fundo da plateia, cujos soluços chegam aos seus ouvidos atentos.

Terminada a cena que lhe cabia, corre para junto da sua companheira. Senta-se numa cadeira atrás e, quase ao ouvido, murmura-lhe:

— Vamos! Esquece tudo e sobe ao palco. Tony vai chamar-te dentro de cinco minutos.

— Não quero trabalhar mais com esse presunçoso. Sei perfeitamente o meu papel e não admito que me dê conselhos... — protesta Else, com o sangue a avermelhar-lhe as faces.

— Mas, Else, ele tem mais experiência do que tu... A ele compete mandar, enquanto a ti cabe obedecer...

— Sou actriz e o meu temperamento é o meu único guia — soluça de novo a jovem. — Houve alguma coisa que fizesse mal feita?

— Não, Else, nada fizeste mal. Mas ninguem pode obedecer apenas ao seu temperamento. É necessário haver alguém que comande o trabalho de todos...



# MONTY INGRESSOU AOS 14 ANOS NO TEATRO E ATÉ AOS 24 NÃO VIVEU PARA OUTRA COISA!

1934 ● *AS HUSBAND GO (Como os maridos se vão)*

1935 ● *FLY AWAY HOME (Voando para longe de casa)*
*OBEDIENT HUSBAND (Marido Obediente)*

1936 ● *THERE SHALL BE NO NIGHT (Não haverá nenhuma noite)*

1937 ● *EYE ON THE SPARROW (Olho no Pardal)*
*SKIN OF OUR TEETH (A pele dos nossos dentes)*

1938 ● *THE MOTHER (A mãe)*

1939 ● *OUR TOWN (A nossa cidade)*

1940 ● *SHEARCHING WIND (Vento Devastador)*

1943 ● *YOU TOUCHED ME (Tu Feriste-me)*

— Não sabes o que sinto na alma, Monty — exclama ela, num tom confidencial de pessoa adulta. — Não podes compreender, eu sei... Nós, os artistas, não podemos fugir ao nosso destino... Ninguém nos compreende!... — termina com um suspiro...

A obstinação da moça ameça fazer perder a paciência de Monty. Mas eis que a voz de Tony, o ensaiador, vem evitar essa despedida desagradável.

— Monty, a cena! Deixa a nossa Sarah Bernhardt desafogar a sua decepção em lágrimas de crocodilo.

— Vou já! — grita Monty, olhando de novo para Else, cujo rosto avermelhado pela raiva lhe causa piedade. Contudo, não resiste a falar-lhe com sinceridade. — Else, tens muito que aprender ainda e não deves chorar por o Tony te corrigir. Deverias, pelo contrário, agradecer-lhe.



**O amor de Monty pela arte de representar começou por simples brincadeira. Filho de um importante homem de negócios, ele não pensava sequer vir a ganhar a vida como actor...**

— Tu não sabes o que representa artista por vocação...

— Tens razão, Else. Pelo menos não o sei no mesmo plano do que tu... Creio que um artista não nasce por acaso, mas pelo estudo e pela formação ao longo dos anos... até à morte.

E, proferidas estas palavras, Monty dirige um último olhar à sua companheira e regressa ao palco.

★

No dia da estreia da peça, todas as famílias ali em veraneio acodem a aplaudir os rapazes que tão esforçadamente tinham querido oferecer-lhes uma demonstração das suas possibilidades... fora dos estudos.

Para os pais de Montgomery Clift, a peça representa uma extraordinária, uma grata surpresa. O rapaz, que conheciam calado e reservado, revela-se no palco um actor seguro de si mesmo, confiante na sua personalidade, falando e gesticulando como alguém que sabe o que quer.

A partir desta representação em Saratosa, a carreira de Monty no teatro de amadores vai prosseguir de maneira triunfante.

No verão seguinte, os Clifts partem para Sharon, no Estado de Connecticut. Recordando-se do êxito alcançado nas férias anteriores, Monty pretende distrair-se da mesma maneira, «brincando — como ele diz — aos artistas»... Antes da partida, um amigo arranjara-lhe umas cartas de recomendação para gente de teatro em Sharon e, por isso, ele não encontra dificuldades na obtenção de um papel.

Entregando-se aos ensaios com entusiasmo, Monty começa a compreender que o teatro é mais do que um passatempo para si. Os amigos felicitam-no pelo seu trabalho, e muitos afirmam que ele tem possibilidades de seguir no teatro profissional.



# Em 1946, «Rio Vermelho» o primeiro filme de Monty

**A fama que ele conquistou na Broadway, ao longo de dez anos de actuações triunfais, levou a atenção de Hollywood a incidir sobre Montgomery Clift, que nos primeiros tempos se recusou a aceitar quaisquer ofertas. Porém, assediado por vantajosos contratos, o jovem actor acabou por aceitar a sua estreia no cinema, num filme do Oeste, com Joanne Dru (à direita) e o extraordinário Walter Brenan (em cima).**
**Filme considerado unânimemente um clássico do «western», «Rio Vermelho» assinalou uma viragem no cinema do género, pelo vigor e audácia do tema, pela realização de Howard Hawks e ainda pela interpretação de Montgomery Clift, que projectou imediatamente o seu nome entre os grandes de Hollywood.**



**«Anjos Marcados», dirigido por Fred Zinnemann nas ruínas da capital alemã, mostrou-nos Monty na interpretação genial de um soldado americano que, em Berlim, encontra uma criança vítima da guerra e que, após várias peripécias de grande sabor humano, acaba por levá-la para a América.**

Longe de se envaidecer, Monty, pelo contrário, não se sente satisfeito. Ele anseia por melhorar mais e mais os seus conhecimentos artísticos. Esforça-se por consegui-lo, estudando noite e dia.

Fugindo ao sol quente e abrasador, ele vai sentar-se à sombra de uma árvore numa pequena colina nos arredores de Sharon. Aí estuda o seu papel em voz alta, procurando dar a cada palavra a inflexão de voz mais adequada. E surpreende-se a dizer a si próprio: «Amo o teatro mais do que tudo na vida. Não vejo que possa seguir na vida outro caminho. Preciso de contar a verdade a meus pais».

Regressando a casa, salta àgilmente, com todo o ímpeto de um rapaz que ainda não chegou aos 15 anos, o verde muro que separa o jardim da entrada e entra desabridamente pela porta adentro.

Seu pai, mergulhado na leitura de um livro, levanta os olhos por cima dos óculos suspensos no nariz.

— Que te sucedeu, Monty?

Sua mãe surge nesse momento no limiar de outra porta:

— Que tal, filho? Estiveste a estudar o teu papel?

— Sim, mamã.

Estupefacto, o senhor Clift fita a esposa com um brando ar de censura:

— Querida, deverias preocupar-te um pouco menos com os ensaios do teu filho e pensar que é já tempo de o Monty começar a interessar-se pela boa marcha dos meus negócios. Deverá, mais tarde ou mais cedo, ocupar o meu lugar e, no entanto, ainda não o ouvi perguntar o que significa uma letra a 30 dias de vista...

— É ainda muito jovem, Willy... — murmura a mãe, acariciando enternecidamente o rapaz.

— Não me parece... Já começa a ter idade para se orientar e até hoje não o vi preocupar-se com outra coisa do que esses ensaios...



Monty havia puxado sua mãe pela mão e, na sua companhia, aproximara-se do pai, enfrentando-o com um rosto sério, de que desaparecera a expressão jovial, quase infantil, que tanto o caracterizava. Seus olhos, de um cinzento azulado, como os de sua mãe, permanecem agora fixos nos do senhor Williams Clift.

— O papá tem razão... — confessa ele. — Aos 14 anos sinto-me, na realidade, um pouco distante dos rapazes da minha idade, com a obrigação de pensar em coisas diferentes do basebol... Creio que sei o que quero... Muitas vezes, sem tu saberes, papá, vi os teus papéis: números, letras, descontos, tantos por cento... Mas, para mim, a contabilidade é uma coisa fria... Os negócios exigem um temperamento que eu não possuo... Sei que sem eles não poderíamos passar estas férias longe do calor de Nova Iorque... Mas as minhas aspirações são outras...

— Sabes o que estás a dizer? — pergunta o pai, desolado.

— Sim, papá, quero ser actor.

Um silêncio tenso e violento cai sobre a sala. Nem o esplendor do sol entrando pela janela consegue suavizá-lo. Por fim, Monty torna a falar.

— Tem razão, papá. Penso demasiado nos ensaios... Mas devo dizer-lhe uma coisa: tenho consciência do que faço... Aprendi a amar o teatro e agora não há nada que possa ocupar o mesmo lugar no meu coração.

— Sabes o que estás a dizer? — pergunta o pai novamente, desta vez com serenidade.

— Sim, papá. E sinceramente espero que me compreenda e que não veja na minha decisão uma revolta ou um desprezo pelos seus negócios. É o meu temperamento que me leva para o teatro. Ser actor tornou-se a minha principal ambição, mas desejo sê-lo com a vossa aprovação...

A mãe volve um olhar carinhoso para o pai.

— Que opinas tu, Willy? — pergunta-lhe.

— Apenas queremos que o Monty seja





**«A herdeira», filme já considerado um clássico do cinema, pôs frente a frente dois artistas de excepcional craveira: Olívia de Havilland e Monty Clift. Ela ganhou o «óscar» da Academia pela sua interpretação neste filme, mas ele nada recebeu, devido talvez à sua incapacidade de criar e explorar as relações sociais...**

feliz, não é verdade? Nunca pensei em que ele viesse a ser actor, mas se assim o deseja, que seja em boa hora.

Monty sorri — um sorriso simples e agradecido. Beija a mãe e depois o pai, envolvendo-os a ambos num abraço de ternura.

★

Um mês depois, Monty regressa a Nova Iorque, não tardando a aparecer, pela vez primeira, nos palcos da grande cidade dos arranha-céus.

Em Janeiro de 1935 interpreta a mesma comédia de Sharon, «Fly Away Home», trabalhando ao lado do grande Thomas Mitchell. Apesar dos seus 15 anos, firma ràpidamente uma sólida reputação artística, que lhe permite viver «de» e apenas «para» o teatro.

Os anos passam-se sem que, pràticamente, ele dê por isso. Estudando e aperfeiçoando-se constantemente, não vendo na vida nada mais do que aprender os múltiplos segredos da arte de representar, Monty vive inteiramente cego pelo esplendor das luzes da ribalta.



Na temporada teatral de 1943, já transformado num galã de excelente figura, Montgomery Clift interpreta o principal papel de «The Searching Wind», com que obtém um êxito clamoroso. Os críticos dedicam frases elogiosas ao jovem actor e a notícia chega a Hollywood, o que provoca imediatamente o interesse de várias companhias produtoras.

Ao receber várias ofertas tentadoras para fazer cinema, Monty reflecte longamente sabre elas, antes de responder a quantos solicitaram a sua colaboração. Por um lado, sabe que o cinema lhe pode proporcionar «cachets» fabulosos; mas por outro receia não merecer ainda esses «cachets» e, sobretudo, não agradar ao público... «No teatro, o jogo fisionómico é pouco importante — pensa ele — mas no cinema nenhum pormenor escapa aos grandes planos...».

Agarra numa folha de papel e escreve:

«O meu triunfo no cinema seria, nesta altura, muito problemático. Ainda não estou suficientemente preparado — preciso de aumentar a minha experiência. Depois aceitarei a vossa oferta, se a mantiverdes de pé».

Em 1946, depois de interpretar «You Touched Me» no Theatre Guild, de Nova Iorque, acaba por se deixar seduzir pelo papel de um «cow-boy» em «Rio Vermelho», com John Wayne, Walter Brennan e Joanne Dru, às ordens de Howard Hawks.

Apaixona-se de tal maneira pelo cinema, que voltará raras vezes a pisar os palcos teatrais. Em contrapartida, a vida de Hollywood desagrada-lhe profundamente. As grandes «estrelas», com a sua ânsia de publicidade e escândalo, deixam-no indiferente. Continua a ser o mesmo jovem simples e tranquilo de

**A Fox quis também utilizar Montgomery Clift, pagando-lhe uma soma fantástica para interpretar «Sitiados», dirigido pelo realizador George Seaton e quase inteiramente filmado na Alemanha, com Cornel Brochers e o actor Paul Douglas. Filme de propaganda anti-comunista, não logrou interessar muito o público, embora fosse uma obra de nível técnico e artístico bastante elevado.**







— Brindemos pelo nosso êxito em «A Gaivota»! — exclamou Kevin Mc Carthy, olhando sorridente para Montgomery Clift e Mira Rostowa.
Tinham trabalhado e lutado afincadamente, mas podiam orgulhar-se do triunfo obtido.

sempre e, talvez por isso, confia apenas nas mulheres que vivem fora dos projectores da fama.

Natasha Littes, conselheira de Marilyn Monroe, mulher inteligente e agradável, é uma das suas mais sinceras amigas. Ela aconselha-o a contratar um agente de publicidade, mas, avesso a tudo o que não seja o triunfo pelo talento, Monty rejeita a ideia, sem se importar com os prejuízos que a sua carreira de actor pode sofrer por esse facto.

Numa entrevista à imprensa, as suas declarações desassombradas causam certa celeuma, porque Hollywood não gosta de ouvir as verdades.

— Ter-me-ia sido fácil chegar aqui e, pelo facto de vir da Broadway, blasonar-me de génio... Mas quero que se saiba, de uma vez para sempre, que amo a simplicidade e procuro ser, acima de tudo, honrado e sincero. Em Hollywood é difícil escapar ao círculo vicioso das vaidades estabelecidas. Os estúdios só desejam publicidade... Ora devo declarar que a detesto...

— Voltará a Hollywood? — pergunta, malicioso, o jornalista.

— Voltarei quando for necessário...

No verão seguinte parte para a Alemanha e Suíça, a fim de filmar, às ordens de Fred Zinneman, «Os anjos marcados».

No regresso filma, sob a direcção de outro grande realizador, William Wyles, «A herdeira», ao lado de Olivia de Havilland. A sua presença na capital do cinema desperta de novo grande celeuma, especialmente entre as filhas de Eva, para quem ele se mostra indiferente, suscitando os comentários viperinos das mais despeitadas: «É um homem cem por cento elegante e viril, mas tão tímido que parece um colegial». «É uma pena que seja tão reservado». «Ai, veste tão descuidadamente. Nem sequer usa gravata e anda sempre com sapatos de ténis... Ele e o Marlon Brando querem fazer de Hollywood um acampamento de boémios...».

Monty, ao ouvir estes comentários, limita-se a sorrir... Para quê dizer-lhes que tem em casa um luxuoso guarda-fatos, com elegantes fatos, sapatos, camisas e gravatas do último modelo?

Olívia de Havilland, sua verdadeira amiga, avisa-o de que ele deve cuidar mais da sua reputação.

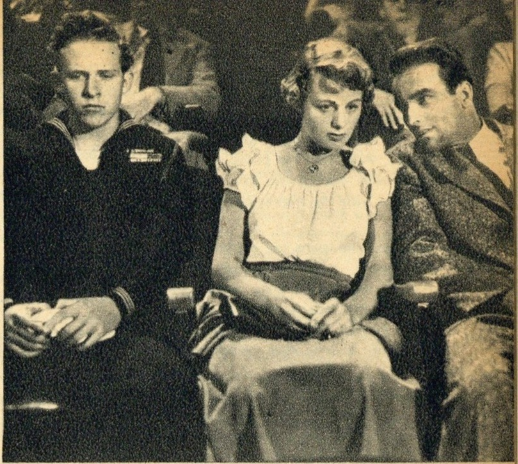
— Era conveniente dares uma lição a estas «starlets» que não te largam. Só precisas de cuidar do teu nome para seres perfeito. E se fores um pouco menos reservado...

— Mas eu não sou reservado! Se fujo da imprensa é simplesmente porque querem invadir a minha vida privada, e não posso consentir nisso... Fazem-me perguntas como: «O que pensa do amor?», «O que é a vida para si?». Ora os meus pontos de vista fora da vida artística não têm interesse, porque sou artista e não filósofo... Além de que



# «Um lugar ao sol» colocou-o nas primeiras filas dos melhores artistas de todos os tempos!

**«Um lugar ao sol» ocupa na literatura americana não apenas um lugar destacado como «best-seller», mas também como autêntica obra-prima do romance mundial. Ao transplantá-lo para o «écran», a Paramount sabia os riscos que corria e, por isso, entregou a realização a um homem que se pode orgulhar de nunca ter dirigido um mau filme: George Stevens. Por outro lado, a distribuição dos principais papéis obedeceu ao critério de dar a cada personagem o máximo de verdade. Com efeito, Shelley Winters apareceu-nos com todo o aspecto de uma autêntica operária de fábrica, Elizabeth Taylor como uma menina de sociedade, e Montgomery Clift como o jovem que se debate entre a consciência e a ambição. Filme que dificilmente alguém esquecerá, apesar dos anos decorridos já sobre a sua estreia, «Um lugar ao sol» merecia a honra de uma reposição, para satisfação dos que já o viram e dos que ainda não o puderam ver.**





os meus assuntos pessoais só a mim me dizem respeito...

Não obstante as explicações dadas acerca da sua conduta, Monty acaba por sentir que o ambiente dos estúdios, das festas e dos «cocktails» é inteiramente hostil à sua maneira de ser. Admiram-no como artista e como homem, mas odeiam-no por não partilhar da mesma vida de mexericos e escândalos...

Terminadas as filmagens de «A herdeira», Monty desaparece novamente de Hollywood... As revistas atacam-no então com mais fúria, e as famosas «colunistas» como Elsa Maxwell, Hedda Hopper e Louella Parsons reduzem-no a um alvo constante do seu veneno...

Mas a Monty pouco importa que falem ou não no seu nome... Nova Iorque, com o seu movimento frenético de automóveis, autocarros e multidões em marcha, parece-lhe uma estância de repouso quando os seus contratos o impedem de ir mais longe.

— Aqui respira-se, mãe! — exclama ao regessar à casa dos pais. — Gosto de viver aqui porque nos deixam viver em paz...

— Não te agrada Hollywood? — pergunta, ingènuamente, a mãe.

— Nem queiras saber... — responde, caindo numa poltrona de cores garridas. — Em Hollywood, se alguém é escritor de teatro, o vizinho também o é. Aqui em Nova Iorque, na nossa casa, é diferente. Eu sou actor, o vizinho do terceiro é médico, o do rés-do-chão comerciante... Ninguém vive de invejas, de despeitos, de ciúmes...

— Sentes-te satisfeito com o teu trabalho?

— Tenho procurado entregar-me a ele por completo. Sabes quanto me desagrada trabalhar de dia, mas amo o cinema e aceitei isso com resignação e paciência.

Neste momento soou a campainha da porta. É o carteiro. Traz uma carta registada de Itália, para «Mister» Montgomery Clift. No verso da carta, um nome famoso: Vittorio de Sica.

«Meu caro colega:

Não tenho a honra de o conhecer pessoalmente, mas apenas através dos seus filmes. Vejo em si o intérprete ideal para o meu próximo filme, «Estação Terminus», que rodarei em breve com Jennifer Jones. Aceita?».

A alegria de Monty não tem limites. Ser convidado para trabalhar na Itália, às ordens do realizador de «Ladrões de Bicicletas», significa para ele uma oportunidade única de aumentar os seus conhecimentos artísticos, afora o ensejo de saciar o seu gosto por viagens.

— Mamã, abraça-me — profere ele com a voz embargada de emoção. — Sou o homem mais feliz do mundo!

★

Antes de poder ir para Roma, Monty tem ainda contratos para três filmes a cumprir: «Um lugar ao sol», em Hollywood; «Sitiados», a rodar na Alemanha; e «Confesso», de novo em Hollywood. Por cada jornada de oito horas de trabalho, cobra cinco mil dólares. Mas o dinheiro pouco lhe interessa — porque, ontem como hoje, o objectivo da sua vida continua a ser só um: estudar, aperfeiçoar-se. E, com estes filmes, ele tem oportunidade de trabalhar sucessivamente com três realizadores de nomeada: George Stevens, George Seaton e Alfred Hitchcock.

Por eles, e só por eles, vai regressar a Hollywood...

Desta vez, porém, o seu coração vai sentir despertar, pela primeira vez, uma verdadeira amizade — quem sabe mesmo se amor — por uma mulher fascinante e bela: Elizabeth Taylor, com quem contracena em «Um lugar ao sol».

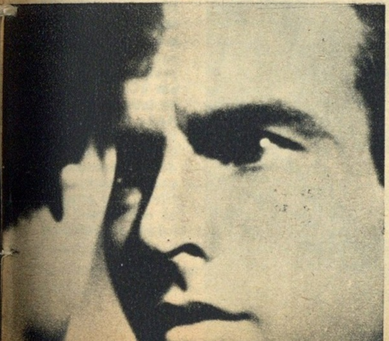
Quando ambos travam conhecimento, Elizabeth é uma mulher que se sente desgraçada: o milionário N. Hiltin abandonara o lar conjugal, pedindo o divórcio.

Impelido pela compreensão que, anos antes, o tinha levado a consolar Else, a sua companheira da primeira peça, Monty tenta consolá-la, animando-a com palavras que, para ela, têm o efeito de um verdadeiro bálsamo.

**Os beijos «à cinéfilo» criaram em todo o mundo os seus adeptos e praticantes... No entanto, os beijos que se conhecem por essa designação pecam muitas vezes por falta de autenticidade e de realismo, donde resulta uma frieza inaceitável... Por isso, o beijo de Elizabeth Taylor e de Montgomery Clift surpreendeu quantos o puderam admirar... A esses dedicamos gostosamente estas quatro imagens...**

# O MAIS BELO E ARDENTE DE TODOS OS BEIJOS!






A amizade e a simpatia mútua cresce entre eles ràpidamente, ao ponto de se tornarem dois companheiros inseparáveis. Tanto basta para que as línguas viperinas das «colunistas» comentem maliciosamente esta amizade, falando num próximo casamento...

Monty fica estupefacto e revoltado.

— É absurdo! Como podem estas mulheres que nunca amaram, persistir em espalhar pelo mundo inteiro boatos assim?

— Não te preocupes, Monty. Não quero que por causa dessas mulheres te afastes de mim... Preciso de ti...

— Sinto que posso prejudicar-te, Lyz. Eu conheço o teu segredo, mas essa gente vive cega pelos escândalos e não sabe de mais nada.

Elizabeth ri divertida, enquanto Monty trava o seu velho automóvel em frente da casa onde vive a «estrela».

— Se soubessem que vou casar-me com o Michael Wilding!... — continua Liz a rir, já depois de sair do carro.

E, contagiado pelo seu riso alegre e franco, Monty ri também.

★

No dia seguinte, Monty encontra Marlon Brando, seu velho amigo dos tempos de Nova Iorque, e confia-lhe o problema que tanto o preocupa.



Sob a direcção de «mestre» Alfred Hitchcock, Montgomery Clift interpretou o papel de um padre protestante em «Confesso», ao lado de Anne Baxter. Pode-se dizer que a actual voga do «suspense», começa com este filme, que arrasava os nervos do calmo espectador...



**Vittorio de Sica, o grande actor e realizador que os americanos em vão têm querido importar para Hollywood, aceitou fazer na Itália um filme para o produtor David O'Selznick. História cem por cento passional, quase inteiramente filmada numa estação de Roma, destoa um pouco na obra neo-realista de De Sica, mas a sua elevada qualidade artística é indiscutível. As interpretações de Montgomery Clift e Jennifer Jones atingiram extraordinário brilho, podendo considerar-se das mais belas na sua carreira.**

— A vida em Hollywood, para o meu feitio, é insuportável. Estou cansado de ouvir tantos boatos a meu respeito. Se saio com a Elizabeth, falam logo de casamento. Se me vêem em companhia de Natasha Lyttes sucede o mesmo. É insuportável...

— Tens razão, mas o que aqui te sucede, suceder-te-á em Nova Iorque, em Paris e outra cidade qualquer, desde que te vejam dois dias seguidos com a mesma mulher...

— Que posso fazer?

— O mesmo que até agora: não ligar importância. Cairá sobre ti uma reputação terrível, mas é o único processo.

Neste momento aproxima-se Fred Zinneman, que os rodeia pelos ombros, num abraço de simpatia. Sabendo o tema da conversa, exclama:

— Rapazes, não se preocupem com a vida de Hollywood. Vocês escolheram um caminho difícil, mas que vos permite não ligar importância ao que os outros dizem. Livres de compromissos com os agentes cinematográficos, ninguém pode negar que o vosso triunfo é o fruto indesmentível do vosso talento. Nós, realizadores, precisamos de actores como vocês, e enquanto isso suceder não se importem com o resto. Monty, aceitas o papel de Prewitt, não é verdade?

— Desde já, Fred. É um papel magnífico.

A voz apaziguadora de Zinneman parece ainda soar aos ouvidos dos dois colossos independentes de Hollywood.

★

Terminadas as filmagens em Roma de «Estação Terminus», Montgomery volta a Hollywood, começando desde logo a rodagem de «Até à eternidade» — o filme que ganharia um número quase infindável de «Óscares», em grande parte devido à audaciosa história de Danny Taradash.

Conscientes da responsabilidade que têm sobre os seus ombros, realizador e intérpretes reunem-se com frequência nos intervalos de filmagens a fim de discutirem o seu trabalho. Certa tarde, porém, resolvem

# «Mr. Coração Solitário» não tem sorte com os amigos!

*A amizade é fundada no mútuo apreço e na confiança mútua. Evidentemente que existem vários conceitos e formas de amizade. A mais inferior de todas é a amizade pelo interesse, conduzida quase sempre com hipocrisia. Outra consiste no acolhimento amável ou na frequência de lugares comuns por motivo de recreio ou de negócio. A forma mais nobre, a amizade pròpriamente dita, é a que deriva dos vínculos espirituais e morais que ligam duas ou mais pessoas.*

*Platão via na amizade um laço entre as almas que perseguem um ideal. Epicuro considerava-a como uma espécie de egoísmo de nível superior e reservava-a para as almas privilegiadas. Seja, porém, o que for a amizade, a verdade é que Monty Clift não tem tido sorte com os amigos. Os exemplos que ilustram esta página provam-no sobejamente, e talvez por isso que ele se tornou «Mister Coração Solitário».*

**Desde que filmaram juntos «Até à eternidade», Frank Sinatra e Montgomery Clift nutrem um pelo outro uma sincera amizade. Mas raramente se encontram, porque andam sempre desencontrados pelas cinco partes do mundo**



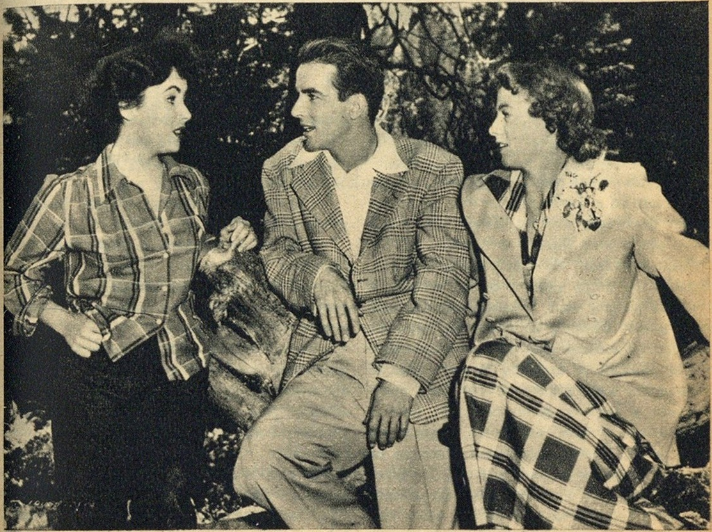


**Já antes de «Um lugar ao sol», Monty e Lyz eram apontados como dois noivos en vésperas de casamento... Mas ela, depoi de Nick Hilton, desposou sucessivament Michael Wilding e Mike Tood, e casa em breve com Eddie Fisher, sem qu Monty tenha dado o sagrado nó uma s vez...**

**Eve Marie-Saint — que contracenou com Monty em «A Árvore da Vida» — revelou-se-lhe não só uma excelente actriz como uma adorável camarada. Infelizmente, porém, ela não tardou a casar com outro...**



**Durante a rodagem de «Um lugar ao sol», Monty estabeleceu com as suas parceiras Elizabeth Taylor e Shelley Winters óptimas relações de amizade... Mas, terminado o filme, cada um seguiu o seu caminho...**



esquecer tudo e tomar apenas um aperitivo. À volta de Fred Zinneman, sentam-se Burt Lancaster, Donna Reed, Frank Sinatra e Deborah Kerr. De repente, chega Monty sobraçando seis ou sete livros e, sentando-se junto de Deborah, comenta, sorridente:

— O Frank vai revelar-se um actor extraordinário no papel de Maggio...

A sua vizinha de cadeira olha-o entre admirada e risonha:

— Monty, não achas que se pode falar de outra coisa além de trabalho? Não te preocupas apenas com o teu papel como também com o dos outros...

— Porque trazes tantos livros, Monty? — pergunta Frank Sinatra.

— Gosto de comprar livros... Ainda que não possa ler tantos quanto compro...

★

Não obstante o êxito da sua interpretação em «Até à Eternidade», Monty não ganha o «óscar» que devia premiar o seu trabalho antes do que qualquer outro actor.

Desiludido, regressa a Nova Iorque, ansiando voltar à vida de teatro, ao contacto directo com o público da Broadway, aos aplausos dos espectadores, cada noite sempre diferentes.

Comunica a sua decisão aos seus amigos Mira Rostowa e Kevin Mc Carthy, que o recebem de braços abertos. Kevin para ele é quase um irmão. Quanto a Mira...

Mira Rostowa, de nacionalidade russa, pequena, de olhos azuis e brilho intenso, é uma mulher dos seus 30 anos, simples mas encantadora. Durante os dez anos passados por Monty na Broadway, durante a sua experiência teatral, a amizade brotara espontânea entre eles, alicerçada por uma compreensão e ternura como nem um nem o outro antes tinham conhecido. Agora, de novo juntos, Monty encontra-a como se os anos não tivessem passado por ela. Continua encantadora, com o mesmo olhar de pássaro assustado, fixando-se com doçura sobre ele.

— Chegou o momento de levar à cena a grande peça de que sempre falámos. Mas, para isso, é necessário não pensar em mais nada, absolutamente nada...

— Montar uma peça sòzinhos vai exigir-nos muito trabalho...

— Não importa, Mira... Tenho fama de mandrião, mas suponho que a vossa opinião é outra... Quando assino um contrato, dou tudo por tudo pelo meu trabalho...

— Vais exigir demasiado de ti mesmo — interveio Kevin Mc Carthy com o seu senso de ponderação.

— Não ignoro o que me espera... Mas estou disposto a tudo — não posso renunciar ao teatro, preciso de ver de novo o público perto de mim. Não quero voltar por agora a Hollywood...

Monty segura as mãos de Mira por cima da mesa.

— Tens de ajudar-me, tu podes fazê-lo...

Ela sorri — mas nos seus olhos perpassa uma sombra de melancolia, embora saiba que a sua voz vai levar-lhe a paz que ele ambiciona.

— Começaremos agora mesmo — exclama ela.

E, acto contínuo, levanta-se, decidida, da mesa, logo secundada por Kevin. Monty fica por um momento ainda sentado, com a cabeça levantada, observando ambos, que lhe sorriem francamente.

— Levanta-te, Monty! Vamos buscar a nossa peça! — decide Kevin.

— Aonde? — pergunta o jovem actor, perplexo.

— Onde quer que esteja, encontrá-la-emos — responde Mira, enlaçando familiarmente os dois homens.

Vão a casa de Monty, que possui uma biblioteca riquíssima em obras de ficção, e ali começam a procurar a peça com que sonham. Mas, o que a princípio lhes parecia simples, converte-se pouco a pouco numa obsessão.

Noite após noite, na ampla e confortável sala de móveis claros e lisos, reunem-se os três. Sentados sobre o tapete, uma, duas, três, quatro, cinco e doze comédias passam







«Até à Eternidade», de Fred Zinneman, pertence já hoje à história do cinema pela sua invulgar classe. Interpretado por um formidável elenco, constituído por Montgomery Clift, Burt Lancaster, Donna Reed, Deborah Kerr, Fran Sinatra e Ernest Borgnine, este filme é um corajoso libelo contra o militarismo e põe a nu a falsa moral da vida americana.

pelas suas mãos, sem que apareça a peça ambicionada.

A busca torna-se angustiosa, e sòmente a serenidade de Kevin consegue acalmar os nervos de Mira e Monty. Passam-se assim duas semanas, até que uma noite Mira aparece com vários livros, entre eles um de capa verde e letras douradas, ostentando os seguintes nomes: «Contos», de Tchecov.

— Monty, encontrei! Estes contos de Tchecov dão-nos a peça que queremos...

Começam a examinar o texto. Mira Rostowa lê com a sua voz suplicante e cálida o conto «A Gaivota». Monty e Kevin escutam-na, entusiasmados. E quando a leitura termina, abraçam-se os três alegremente.

— Tinhas razão, Mira. Tchecov, teu compatriota, resolveu o nosso problema.

— Não obstante — pondera Kevin, passada a euforia dos primeiros momentos — a tradução não me parece de boa qualidade.

— A tradução não é problema — frisa Mira. — Possuo a obra na versão original e eu própria a traduzirei. Vocês ajudar-me-ão depois a adaptá-la ao teatro.

★

Assim fizeram. E, agora, já na fase dos ensaios, eles continuam inteiramente absorvidos pelo trabalho, estudando meticulosamente cada linha do diálogo.



**O carro em que Monty viajava no dia em que sofreu o trágico acidente que quase o desfigurou.**

Mira, como encenadora, corrige o trabalho de Monty, a braços com o papel dificílimo de um homem trágico e desconcertante. Ao contrário de outros artistas, a quem a vaidade e o orgulho desmedidos impedem de aceitar conselhos, Monty alegra-se cada vez que ela o censura, porque sabe que assim se aperfeiçoa mais e mais.

E o dia da estreia chega finalmente.

O «Phoenix Theatre», de Nova Iorque, na Segunda Avenida, apresenta um aspecto brilhante e luxuoso. Entre a assistência aparecem os mais exigentes críticos, os mais destacados actores da Broadway. A prova vai ser decisiva para Monty: ou o êxito completo e retumbante, ou o fracasso destruidor. Ele sabe que tem sobre os ombros a responsabilidade de uma ou outra coisa. Mas, quando entra no palco, esquece tudo. E a sua interpretação resulta um prodígio de talento e valor.

No dia seguinte, os jornais dedicam-lhe múltiplos elogios, acentuando que a personalidade de Montgomery Clift em «A gaivota» é de uma força extraordinária, raras vezes atingida na história do teatro.

As representações sucedem-se num ritmo entusiástico. Contudo, longe de se sentir satisfeito, Monty mostra-se cada vez mais nervoso.

— Mira, estou preocupado. Quando deixo o palco, continuo preso ao meu papel e sinto impulsos de voltar atrás. Odeio a ideia de sofrer uma depressão nervosa...

— É difícil o teu papel, Monty. Mas não te perturbes! O teu talento e a alegria de trabalharmos juntos vencerão todas as dificuldades. Verás que é fácil vencer esses nervos...

Sempre sob os aplausos de um público entusiasta, chegam às cem representações — meta ambicionada por todos os artistas da Broadway como a consagração máxima.

Nessa noite, ao recolher ao seu camarim, Monty sente-se pela primeira vez, desde a estreia da peça, tranquilo e feliz. Em frente do espelho iluminado, prepara-se para tirar a maquilhagem, quando de repente alguém bate à porta.

— Pode entrar.

É um fotógrafo, que parece um pouco tímido, e, talvez por isso, Monty recebe-o com simpatia.

— A que devo o prazer da sua visita?

— Sou um fotógrafo diferente dos outros, e penso que se o senhor conhecer os meus trabalhos, acederá a deixar-se fotografar por mim.

— Sim, senhor. Gostaria de ver os seus trabalhos — responde o actor amàvelmente.

Enquanto Monty estuda as fotografias, o visitante estuda a sua cabeça com atenção: o cabelo escuro, os olhos claros, naquela noite um pouco cansados, a pele áspera e bronzeada, coberta de uma gordura especial para a caracterização.

— Gosto do seu trabalho — exclama Clift — e penso que poderia fazer o género de fotografias que eu prefiro — naturais, não forçadas nem afectadas. Mas, de momento, não posso aceitar o seu oferecimento antes de terminar a minha temporada no teatro. Se eu dissesse ao senhor que sim, deveria dizer o mesmo a todos os que cá vêm — e distrairiam o meu trabalho actual. Ora, é-me impossível prestar a minha atenção a qualquer outra coisa.

Os seus olhos e a sua voz sincera parecem implorar ao fotógrafo que acredite nas suas palavras.

— Precisaria apenas um par de horas na parte da manhã — insiste o seu interlocutor.

— Não. Espere que termine o meu contrato, e então falaremos.

O fotógrafo é obrigado a retirar-se. Nesse momento aparece Mira.

— Acompanhas-me a casa, Monty? — pergunta ela.

— É só um momento. Tenho uma notícia para ti — anuncia ele. — Recebi de Stanley Kramer uma carta pedindo-me que vá a Hollywood filmar. Oferece-me duzentos mil dólares.

— Que pensas fazer? — pergunta-lhe Mira.

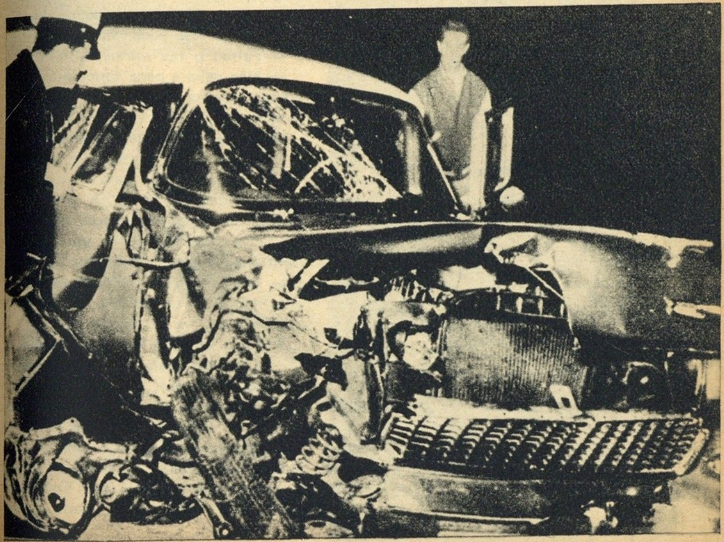
— Renunciar — responde Monty — como renunciei às ofertas que me fizeram John Huston para interpretar o Ismael de «Moby Dick» e Leonard Goldstein... Agora estamos a fazer «A gaivota», e nada mais me interessa.

Após uma pausa, continua:

— Quando certos autores me enviam as suas peças teatrais, invade-me sempre o receio de encontrar um papel que me agrade. Penso que se essa nova peça resultar um êxito, ficaria mais um ano preso nos palcos da Broadway. Ridículo, não é verdade?

— Não, Monty — volve Mira. — Tu trazes o teatro dentro de ti, e é natural que te

O estado em que ficou o carro após o acidente



# Opiniões sobre Monty!

**EDWARD DIMYTRYK:**

*Monty Clift é, sem sombra de dúvida, o maior actor do mundo de hoje.*

**FRED ZINNEMAN:**

*O talento de Clift toca as raias do génio.*

**GEORGE STEVENS:**

*Monty tem forçosamente de ser incluído entre os três melhores actores dos nossos dias.*

**DEAN MARTIN:**

*«Daria o meu braço direito para ser capaz de fazer uma cena como ele».*

**SPENCER TRACY:**

*«Monty consegue transformar em paspalhões a maioria dos jovens actores da actualidade».*

**ELIZABETH TAYLOR:**

*«Para qualquer actriz, é um raro privilégio contracenar com Monty».*

assuste a ideia de te separares de ti próprio durante muito tempo.

Kevin entra no camarim com uma garrafa de champanhe e três copos. Depois de abrir a garrafa, enche os copos do espumoso líquido, e exclama:

— Brindemos pelo nosso êxito em «A Gaivota».

Tocaram-se os copos e durante momentos vibrou no ar o som dos cristais chocando-se.

— Pela nossa amizade! — exclama Monty.

Nessa noite, Mira parece fatigada e os seus olhos têm um brilho húmido e estranho. Os dois homens esperam por um momento que ela formule com eles um brinde qualquer...

Contudo, começa a beber sem dizer uma palavra, embora sorrindo sempre. Depois, à maneira russa, atira a taça contra o solo, estilhaçando-a em mil fragmentos. Monty e Kevin acompanham-na nesse gesto simbólico, mas o jovem actor não pode deixar de notar:

— Faltou o teu brinde, Mira...

— Não valia a pena formulá-lo, porquanto o vosso expressou os meus pensamentos — responde ela. — Vamos?

Monty quer ajudá-la a vestir o casaco. Depois, ela ajeita o cabelo e saem os três juntos do teatro, para a rua envolta na escuridão da noite. A Broadway, poucas horas antes repleta de luzes multicores, parece agora um lúgubre cemitério de sonhos desfeitos...

— Até amanhã — despede-se Kevin, entrando para um «táxi».

Monty e Mira ficam sós.

— Estás cansada? — pergunta ele.

— Sim, mas gostaria de ir passeando contigo até a casa...

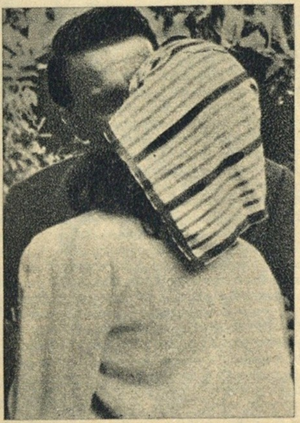
Um estranho sentimento de culpabilidade invade Monty. Mira caminha silenciosamente a seu lado, com o olhar absorto no alfasto brilhante e negro que se estende a seus pés. Como ela lhe parece frágil agora, Santo Deus!

# Conseguirá LIBBY HOLMAN quebrar o gelo do coração de Monty



*Entre as poucas mulheres que se conhecem na vida de Monty Clift, o nome de Libby Holman é um dos que aparecem com mais frequência... No entanto, nada existe que possa fazer*





*prova de que existe um verdadeiro romance entre eles, a não ser a terceira fotografia que se publica nesta página, obtida por um fotógrafo indiscreto através de uma teleobjectiva.*

*No entanto, põe-se a seguinte pergunta: Conseguirá Libby Holman quebrar o gelo do coração de Monty ou tratar-se-á de um simples beijo de amizade?*

*Eis uma pergunta a que talvez eles próprios não saibam responder.*

Onde estava a mulher que lutara sempre com a tenacidade dos fortes? A mulher que sempre lhe dera conselhos e o ajudara a alcançar a estrada do êxito? Durante dez anos tinham sido como irmãos um para o outro, mas nos últimos tempos havia sucedido uma imprevista mudança, cujas razões permaneciam secretas para Monty.

O mutismo de Mira deixa-o perplexo. Mas eis que, de repente, ele sente mais perto do que nunca a presença física da mulher russa e o que lhe parecia um mistério torna-se claro como um dia cheio de sol. O motivo por que se sentia culpado, a razão da tristeza e da fragilidade de Mira, a causa da mudança que surgira entre eles — nada o intriga já.

Movido por um impulso irreprimível, detém Mira por um braço e toma nas suas mãos a cabeça morena da actriz russa, beijando-lhe suavemente os olhos.

— Mira, quero que sejas a mulher mais feliz do mundo...

Ela encosta a cabeça ao peito que ele lhe oferece. Sorrindo melancòlicamente, murmura:

— Sou feliz, Monty. Neste momento, sinto-o mais do que nunca...

— Gostaria que fosse verdade... Atormenta-me ignorar se tens ou não o que desejas...

— Não te bastam as minhas palavras? — pergunta Mira em tom suplicante.

— Sabes quanto gosto de ti... — acentua ele, dando-lhe o braço, para prosseguirem o caminho interrompido.

— Sei que gostas de mim, Monty... E sei que gostas de Kevin, da Augusta e da Natascha... Gostas ainda de outras pessoas e de outras coisas... Mas, acima de tudo, amas a tua arte, não é verdade?

— Gosto de ti, Mira — repete ele, obstinadamente.

— Não duvido, querido. Sucede que te sentes agora mais unido a mim, devido ao nosso trabalho em «A Gaivota». Inclusivamente, pareces sentir-te um pouco culpado em relação a mim. Mas passará, Monty. Depressa acabará o nosso trabalho, e passará — repete Mira com voz cansada. — Tu seguirás então o teu caminho sòzinho e eu seguirei para longe. Ficará entre os dois, encurtando a distância, a nossa amizade.

— Ficará algo mais, Mira: a minha gratidão pelos teus ensinamentos.

Mira Rostowa detém-se, por um instante, cravando os seus olhos no rosto melancólico de Monty, com a expressão dorida de quem vai protestar, revoltar-se, praguejar, talvez. Mas não. Recomeça a andar como se o que tinha para dizer não valesse a pena. Na realidade, porém, ela sòmente quer esconder de Monty os seus olhos sùbitamente marejados de lágrimas.

— Não sintas gratidão por mim — pede-lhe num tom de voz quase infantil. — Quero que fique apenas entre nós uma sincera e profunda amizade. Entre duas pessoas como nós não pode haver gratidão... E, agora, parece-me ser altura de tomar um «táxi»...

Despedem-se junto à porta da residência de Mira. Mas, já depois da porta fechada, Monty não tem coragem para sair dali. Senta-se na escada de pedra, invadido por uma amálgama de pensamentos e de perguntas a que não sabe responder. «O que é a felicidade, afinal? A arte de ser actor? Mira Rostowa? Ou, simplesmente, a quietude de uma tarde passada numa floresta, num lago abandonado?».

Uma aguda dor de cabeça apodera-se de Monty, mas no meio da confusão dos pensamentos que o atormentam, começa lentamente a descortinar a verdade do seu drama — a falta de uma mulher que a liberte da salidão e lhe revele o mundo maravilhoso do amor.

Num movimento brusco, põe-se de pé e encaminha-se para a casa de seu irmão, situada perto. Precisa de desabafar, desnudar a sua alma de solitário.

**um artigo de MONTY CLIFT**

## «Sou apenas um actor contente com a sua sorte!»

**Que mosca estranha pica os jovens actores de hoje? O que justifica os seus protestos contra a sociedade, contra os seus dirigentes, contra um monte de coisas?**

**Separei-me desde cedo dessa categoria de indivíduos que fariam melhor se tomassem a sua carreira a sério em vez de imitarem alguns actores principais que tentam inventar novos géneros.**

**No que me diz respeito não renego nem a época a que pertenço, nem a minha geração, nem a minha profissão, nem a minha vocação. Gosto muito do que faço. Adoro o teatro, o cinema, a televisão, a arte moderna, e penso que a única coisa que importa é cumprir o dever com o máximo de convicção, de sinceridade e entusiasmo. Leio peças com a intenção de encontrar um bom papel a representar, um monte de argumentos na esperança de descobrir interessantes papéis cinematográficos. Concentro-me ao máximo no meu trabalho, e se daí resulta que muitos pensem que sou taciturno e insociável, tanto pior! Se tenho pouco a dizer quando trabalho é porque a tarefa de comediante me parece suficientemente absorvente para fazer economia de palavras inúteis, de lugares comuns. Aos olhos de alguns, silêncio e reserva serão sempre crimes. Aos meus, são qualidades.**

**Cada um come do que gosta...**



**Monty gosta muito de aparecer em público, mas apenas quando se trata de trabalho. Ei-lo com a equipa de «A Árvore e a Vida», apreciando o argumento antes das filmagens. Da esquerda para a direita: o escritor Millard Kaufman, Lee Marvin, o realizador Edward Dmytryk, Eva Marie Saint, Montgomery Clift, o produtor Dore Schary, Elizabeth Taylor, David Lewis, Jarma Lewis, Nigel Patrick e Rod Taylor.**

Após ouvi-lo atentamente, o irmão sentencia:

— Monty, ainda não apareceu a mulher da tua vida. Nada mais.

— Mas custa-me poder causar a infelicidade de Mira, Natasha ou Libby Holman.

— És nobre, Monty, e se elas te amam sinceramente, compreenderão a verdade. Essas tuas ideias não passam de fantasias, porque ainda não apareceu na tua vida a mulher que tu esperas. Deves convencer-te e convencer os outros de que não és um romântico...

— E, entretanto, em Nova Iorque e Hollywood continuam a perseguir-me com falsos boatos, inventando amores absurdos e galhofando com eles. Lembras-te de uma tal Mary del Este? Obstinaram-se em dizer que esteve quase a casar comigo, e eu nem sequer a conheci...

O irmão sorri, divertido, e com uma piscadela de olhos comenta:

— Se alguma coisa se pode concluir das tuas palavras, é que te agradam as mulheres maduras...

— Willy, pelo menos são mais completas e mais inteligentes, qualidades essenciais para mim... Por isso procuro a companhia de Mira Rostowa, de Libby Holman e de Natascha Littes... Mas custa-me saber que a minha amizade por elas é interpretada doutra maneira.

Após uma breve pausa, remata com decisão:

— Decidi separar-me de Mira logo que acabe o nosso contrato. É a única conclusão lógica...

Williams Brook Clift fita seu irmão com olhos perscrutadores, o rosto grave e sério. Compreende que Monty sofre, mas sabe também que nada pode fazer para lhe diminuir esse sofrimento.

— Gostas de ser um solitário, Monty — observa-lhe lentamente. — Muitas vezes já perguntei a mim mesmo que objectivos tens tu na vida. És um dos mais considerados actores do teatro e do cinema, alcançaste já a meta da celebridade que só os eleitos conhecem. Não podes queixar-te da vida e no entanto, sofres, e não és feliz...

— O meu triunfo devo-o a mim mesmo, à experiência obtida no duro caminho da ribalta e dos «sets». Mas, ao contrário do que tu julgas, estou longe de me considerar satisfeito.

— Que mais desejas, Monty?

Montgomery Clift, o homem reservado e inacessível, hesita em responder, apanhado de surpresa pela pergunta do irmão.

— Ser director — confessa, por fim. — É uma das minhas poucas ambições. Um actor tem a sua acção sempre limitada pela sua psicologia e aparência física, mas um realizador tem um campo criador ilimitado...

— Os aplausos do público recaem apenas sobre o actor — observa Willy.

— Sim, mas é o realizador quem merece esses aplausos. Admiro Elia Kazan, Vittorio de Sica e Fred Zinneman, e desejaria ter o seu talento criador... Mas dos meus colegas nada invejo...

— Não é fácil ser realizador — objecta o irmão. — Exige longos anos de trabalho e de estudo. De Sica, como sabes, passou muitos anos nas fileiras dos actores antes de realizar «Ladrões de Bicicletas».

— Sim — concorda Monty — é difícil... Mas saberei ser paciente, estudarei e viajarei... O trabalho tem sido a minha única arma, e com ela chegarei aonde penso... Quando «A Gaivota» sair do cartaz, farei uma grande viagem...

Detém-se, pensativo, e logo repete mecânicamente:

— Exactamente, viajar...

À imaginação de Monty acorrem os países que já percorreu. Começa a evocá-los como num sonho: Cuba, México, Inglaterra, Alemanha, Itália, Israel, Haway, Roma.

— Monty — observa de repente o irmão, como que lhe adivinhando os pensamentos — pensei que deverias gozar umas férias.

— É possível — responde ele, sorrindo. — Fá-lo-ei quando terminar o meu contrato no «Phoenix Theatre». Irei a Maine. Dedicar-me-ei à navegação. Navegar é uma das

**Super-produção que mobilizou durante quase um ano os estúdios da Metro, «A Árvore da Vida», filmado em Metroscope e Metrocolor, numa realização de Edward Dmytryck, é um filme «hors-série», como aliás todos os filmes de Montgomery Clift. Voltando a fazer brilhar o seu cintilante talento, apesar de já não poder esconder os estragos que o tempo lhe vêm causando à medida que a juventude se lhe extingue, o protagonista de «A Árvore da Vida» prova que ocupa um lugar insubstituível no cinema, porque ninguém se lhe pode comparar na exteriorização de complexos estados de alma. «A Árvore da Vida» vale mais ser visto pelo seu trabalho e pelo trabalho de Elizabeth Taylor, Eve Maria Saint e Nigel Patrick do que pelo entrecho pouco convincente sobre que assenta a história.**







**O papel que Monty aceitou desempenhar em «O Baile dos Malditos», é quase um papel secundário, porquanto o papel principal coube a Marlon Brando. Não obstante, quanta intensidade dramática, quanta força psicológica, quanta vibração humana, Monty derrama sobre o soldado americano, de origem judaica, que a guerra arrancou à tranquilidade de uma vida que apenas aspirava ao amor!**

mais belas experiências que um homem pode conhecer — acrescenta com a alma a transbordar de ilusões. — Quando tripulo uma embarcação sinto-me como se formasse parte da natureza que me rodeia... E sinto-me livre, limpo e humilde...

Terminado o contrato, e não tendo quaisquer compromissos a cumprir em Hollywood, vai de abalada para Maine [1], conduzindo, sòzinho, o seu velho «Ford», que ele não trocaria por nada deste mundo.

★

Na noite de 13 de Maio de 1956, Monty assiste a uma festa oferecida por Elizabeth Taylor e seu marido, Michael Wilding, a um pequeno grupo de amigos, na sua casa em Benedict Cannyon, perto de Los Angeles. Entre os presentes, vêem-se Kevin Mc Carthy, Rock Hudson e sua esposa, e outros artistas de cinema.

Ao contrário do que se poderia supor, o ambiente é de tensão. Sabe-se que Elizabeth e Michael se aproximam do divórcio, divididos por uma incompatibilidade de génios que, no fundo, desejariam evitar para salvação do seu amor. E sabe-se, também, que Monty tinha sido antes numerosas vezes indicado como possível marido de Liz.

Por volta da meia-noite, Monty decide regressar a casa, alegando o facto de ir iniciar dentro de dias as filmagens de «A árvore da vida».

— Desculpem-me — declara ele — mas quando preciso de estudar os meus papéis não bebo mais do que dois uísques...

O que se passaria depois? O que responderam Elizabeth e Michael? Ninguém o sabe,

---

**[1] Um dos Estados Unidos da América do Norte. Fica na extremidade norte oriental da União, confinando com o Canadá sobre o Atlântico. País de caça e pesca abundantíssimas, é, não obstante, um centro de turismo ainda pouco explorado.**



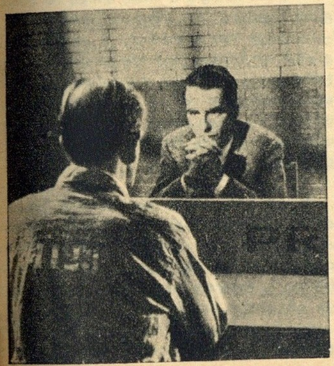
*No seu filme número 12, Clift vive o papel de um jornalista a quem o cínico director do jornal em que trabalha, confia a missão de redigir conselhos na coluna reservada ao «consultório sentimental».*

*Para este filme, o produtor Dore Schary deu carta branca ao realizador Vincent Donehue, dizendo:*

*«Aja como entender. Gaste o que julgar necessário, mas faça deste filme um êxito!».*

*Donehue rodeou-se de um naipe de artistas extraordinários, como Montgomery Clift, Maureen Stapleton (famosa actriz da Broadway), Robert Ryan, Myrna Loy, Dolores Hart, Jackie Coogan e Frank Maxwell.*

*Estreado já em Nova Iorque, os críticos pronunciaram-se entusiàsticamente sobre «Corações Solitários», salientando, como de costume, a interpretação de Monty.*



# «CORAÇÕES SOLITARIOS»
## — o seu último filme!

**Myrna Loy e Monty Clift formam um par que dificilmente se esquecerá.**



a não ser os protagonistas do que se tornaria depois uma violenta discussão. Os pares que dançavam noutra sala, ouviram Monty falar de maneira excitada e sair abruptamente dali, apressado, desejando a todos «boas noites», e empurrando violentamente a porta da rua.

Kevin Mc Carthy, conhecendo o temperamento nervoso do amigo, e pressentindo que qualquer coisa de muito grave se tinha passado, corre a detê-lo. Mas é tarde demais. Monty saltara já para o volante do seu velho «Ford» e, pisando o acelerador, arranca a toda a velocidade.

Rápido, Kevin senta-se também ao volante do seu carro e decide perseguir o amigo, para saber o que se tinha passado.

★

Jamais o saberia, porém, porque, percorridos uma centena de metros, Monty é vítima de um brutal desastre contra uma árvore, em que o seu velho «Ford» fica reduzido a um monstro disforme de vidros partidos, portas quebradas, rodas saídas e toda a parte da frente danificada, ficando o complicado mecanismo do motor completamente destruído pela violência do choque.

Kevin ainda gritara para o amigo:

— Pára! Pára!

Mas tinha sido inútil. Ele próprio apenas tivera tempo para travar e nada mais.

Agora, debruçado sobre o corpo do amigo, que a violência do desastre atirara para fora do carro, Kevin verifica, com alívio, que ele continua vivo, muito embora o rosto, transformado numa pasta de sangue, o tivesse convencido, nos primeiros momentos, deu ma morte instantânea.

Ali, na estrada deserta, apenas iluminada pela luz da noite, não passa ninguém. Sem perda de tempo, Kevin resolve regressar ràpidamente à vivenda de Elizabeth para chamar um médico pelo telefone.

— O que se passou? — pergunta-lhe Rock Hudson, estupefacto ante o aspecto congestinado do rosto de Kevin, a chegar ali.

— O Monty sofreu um desastre! Um desastre brutal!

Um grito doloroso sai dos lábios de Lyz, arrancado do mais íntimo da sua alma. De olhos dilatados pelo medo e pelo terror, a esposa de Michael precipita-se para a rua, correndo como louca e gritando:

— Monty! Monty!

A pé, ela percorre o caminho por onde o seu grande amigo partira, até o encontrar na estrada banhado em sangue.

★

Nessa noite, o Dr. Rex Kennamer, em serviço no hospital da zona Oeste de Los Angeles trava uma luta titânica, de longas horas, para arrancar Monty da morte, enquanto Elizabeth, sòzinha numa sala ao lado, chora incessantemente, sem encontrar alívio para a dor e para o medo.

Quando a operação termina, é já quase manhã. Mas nenhum dos amigos de Monty tinha arredado pé dali, ansiosos pelo resultado dessa luta da ciência para salvar o actor mais admirado de Hollywood e o amigo fiel que a todos se impunha pela sinceridade dos seus sentimentos, pela franqueza das suas atitudes e pela coragem das suas convicções.

— É um milagre o vosso amigo ter conseguido resistir ao desastre que sofreu... — anuncia-lhes o médico, já ao romper da manhã. — Perdeu bastante sangue e eu não tinha quase nenhumas esperanças. Mas agora posso assegurar-vos de que não morrerá, embora fique um pouco desfigurado. Perdeu os quatro dentes frontais e tem o queixo partido...

★

O restabelecimento de Monty é rápido e eficaz. Elizabeth vai visitá-lo todos os dias ao hospital, anunciando-lhe que já pediu o divórcio de Michael e que, nos estúdios da Metro, o esperam para iniciar as filmagens de «A árvore da vida».

— Obrigado, Lyz. Só desejo que encontres a felicidade que mereces... Se eu ta pudesse



# Os filmes de MONTGOMERY CLIFT

| ANOS | TÍTULOS PORTUGUESES | TÍTULOS ORIGINAIS | ARTISTAS |
|---|---|---|---|
| 1946 | **Rio Vermelho** | Red River | Iohn Wayne |
| 1947 | **Anjos Marcados** | Search | A. Mac Mahon |
| 1948 | **A herdeira** | Heiress | Olivia de Havilland |
| 1949 | **Sitiados** | The Big Lift | Cornell Brochers<br>Paul Douglas |
| 1950 | **Um Lugar ao Sol** | A Place in the Sun | Shelley Winters<br>Elizabeth Taylor |
| 1952 | **Confesso** | I Confess | Anne Baxter |
| 1953 | **Estação Términus** | Station Terminus | Jennifer Jones |
| 1955 | **Até à Eternidade** | From here to eternity | Donna Reed |
| 1957 | **A Árvore da Vida** | Raintree Country | Elizabeth Taylor |
| | **O Baile dos Malditos** | The Young Lyons | Hope Lange |
| 1958 | **O Discípulo do Diabo** | The Devil's Disciple | But Lancaster<br>Kirk Douglas |
| | **Corações Solitários** | Lonely hearts | Myrna Loy<br>Robert Ryan |

dar era o homem mais feliz do mundo...

— Não digas isso, Monty... Sabes que muito do que tenho aprendido como actriz a ti o devo... Lembras-te de quanto me ensinaste quando fizemos «Um lugar ao sol»? Agora, quero que procedas da mesma maneira comigo, porque «A árvore da vida» vai ser, como todos os teus filmes, diferente de todos os outros...

★

As palavras de Elizabeth como que incentivam Monty a ir ainda mais além do que ele exige a si próprio. E esse «mais além» só é possível num actor que põe na sua profissão a razão principal da sua vida, tão forte e absorvente que não lhe concede tempo para cultivar a amizade ou o amor...

O acidente de automóvel que sofreu não o amedrontou absolutamente nada nem lhe criou quaisquer complexos. Hoje, como sempre, a vida para ele é sair de manhã do Hotel Bel Air, no seu novo carro, para ir trabalhar nos estúdios e regressar à noite, a fim de estudar o trabalho do dia seguinte.

Assim aconteceu durante as filmagens de «A árvore da vida», depois com «O baile dos Malditos» e «O discípulo do diabo», assim acontece agora com «Corações Solitários».

Assim acontecerá enquanto Montgomery Clift continuar a ser «Mr. Coração Solitário»...

# BELINDA LEE

ocupa o
próximo número do
«Álbum dos Artistas»



a emocionante biografia
romanceada da Afrodita
moderna que se quis
suicidar por amor!

N.44

PREÇO 2$00



FOTOGRAVURA NACIONAL, LDA.— LISBOA